

**AMARAL, RUY PACHECO DE AZEVEDO.
O ANO DO BRASIL NA FRANÇA:
UM MODELO DE INTERCÂMBIO CULTURAL
BRASÍLIA: FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE
GUSMÃO, 2008**

João Henrique Catraio Monteiro Aguiar

Sociólogo,
Professor do Colégio Pedro II,
Mestrando em Relações Internacionais (UERJ)
joacatraioaguiar@gmail.com

Recebido: 12 out. 2010
Aceito em: 24 nov. 2010

O livro *O ano do Brasil na França*, de Ruy Pacheco de Azevedo Amaral, tem o mérito de destacar a importância do debate sobre a cultura nas relações internacionais. É útil para pesquisas como um registro com dados específicos. A tese defendida pelo autor tornou-se livro e isso permite também aos leigos em teorias ligadas à área diplomática terem um acesso inicial ao tema. De fácil leitura, destaca-se a forma concisa e precisa como aborda o tema que é de crescente significância para criar formas de resistir às mazelas da globalização cultural.

Escrito por um diplomata com mais de 20 anos de carreira, é um livro com sólida construção de argumentos e amparado em dados colhidos ao longo da ampla atuação do autor no segmento da difusão e intercâmbio culturais: Azevedo Amaral assumiu postos diplomáticos no México, em Portugal, na França e na Grã-Bretanha. Sua experiência na organização do Ano do Brasil na França, em 2005, inspirou uma proposta para o plano da diplomacia cultural e, mais especificamente, para o Brasil. O livro se divide em duas partes: Análise do Brasil na França, a qual se dedica à análise do Ano do Brasil na França (ou *Brésil, Brésils*); Reflexões sobre a política francesa de intercâmbio cultural e uma proposta de modelo para o Brasil, a qual se dedica à apresentar propostas, com base em caso analisado. Para tanto, Azevedo Amaral apresenta os resultados de sua investigação histórica acerca da operacionalização da cultura por parte da França, país que desde a Idade Média difunde artes e língua francesa na política internacional. Uma mudança importante na concepção dessa política é que desde fins do século XX, o hexágono passa a procurar o intercâmbio cultural e não só a difusão cultural por meio da língua, conforme os franceses se dedicavam previamente. A França investe mais na área e há mais tempo que o Brasil. A diplomacia cultural brasileira ainda pode desenvolver muito, tendo em vista que fora negligenciada por muito tempo pelo País, recebendo poucos recursos muitas vezes.

De acordo com o autor, a presença do Estado se faz em *Brésil, Brésils* de forma continuada. O Projeto França-Brasil (1986-1989) contou com a firme colaboração do governo brasileiro, tanto com a diplomacia presidencial do governo FHC quanto com o governo Lula, que realizou o Ano do Brasil na França e que, em seguida, manteve o intercâmbio por meio do Ano da França no Brasil, em 2009. A empatia francesa com o Brasil esteve presente tanto com Chirac quanto com Sarkozy, permitindo fluidez na diplomacia cultural franco-brasileira. Ao investigar a montagem desse projeto franco-brasileiro, sua origem e seu interesse político-diplomático para os dois países, Azevedo Amaral analisa os financiamentos envolvidos, o público-alvo, a seleção dos espaços selecionados, a programação fixada e as estratégias de comunicação encetadas.

Brésil, Brésils – ciclo de eventos realizado entre março e dezembro de 2005 – teve três movimentos: “Raízes do Brasil”, “Verdades Tropicais” e “Galáxias”. Cada movimento dedicar-se-ia a um assunto específico: matrizes culturais, manifestações culturais populares, arte contemporânea e moderna, etc. Teve como outras iniciativas dignas de menção o “Espaço Brasil”, a programação paralela à programação oficial e o “Festival D’Automne”. Existiu grande participação estatal por meio de Culturesfrance, Ministérios das Relações Exteriores e Ministérios da Cultura de ambos os países. A iniciativa privada se fez presente, comprovando a sinergia da parceria público-privada. O foco da programação cultural era: diversidade e modernidade. Com apoio nela, há incremento no estudo do português, na pesquisa acerca do Brasil na França, do fluxo de artistas brasileiros na França, da consolidação de uma imagem positiva do Brasil no exterior, etc. Dos resultados proveitosos puderam ser extraídos certos pontos nocivos ao ciclo de eventos. Algumas iniciativas não foram financiadas pelo fundo comum criado por Brasil e França para o evento: elitização do público-alvo, risco de

comparação negativa com o Ano da China na França, orçamento limitado, etc.

Engana-se aquele que enxerga somente a louvação ou a difamação sobre um trunfo tão majestoso da política externa de ambos países. O que está em jogo é a mudança de foco paradigmático. Enquanto antes se discutia a difusão cultural com ênfase na língua, agora a questão gira em torno do intercâmbio cultural, marcado pela diversidade cultural. Hodiernamente existem conflitos étnicos, religiosos e de demais matizes culturais. Isso quer dizer que a vida em sociedade (isso é ressaltado em termos mundiais) é indissociável de símbolos, crenças, valores, instituições sociais, identidades, pertencimentos a grupos específicos, etc. A paz em um mundo de mundialização do capital e de padronização do consumo por indústrias culturais é algo a ser buscado por iniciativas que gerem bem-estar mútuo. Destaca Amaral (2008, p. 222): “Trata-se de um modelo mutuamente proveitoso, e não da transmissão de uma mensagem unilateral sem réplica.” Por isso, estimular o entendimento entre os diversos é algo vital para a manutenção de diálogo em um contexto de radicalização dos discursos e práticas.

A difusão é substituída pela troca em médio e longo prazo de diferentes modalidades culturais e não mais só a de fulcro linguístico ou educacional. É preciso ter retorno das investidas diplomáticas sobre essas questões. Por isso o autor propõe que haja foco em países prioritários para a política externa do realizador de intercâmbio cultural e em países irradiadores culturalmente. As estratégias expostas no livro têm como meta reforçar um planeta multicultural, multiétnico, plural. Nesse contexto, pensar em intercâmbio cultural e em diplomacia cultural do ponto de vista do Brasil é pensar em uma proposta não só imediata e restrita a governos. É pensar em planejamento de Estado e pensar em como reverter as mazelas advindas dos desencaixes culturais de um mundo que não se entende. O ensaio de Ruy Amaral transcende o Ano de 2005 para entrar nos anais da discussão

das relações internacionais com uma proposta inovadora e que pode, certamente, ser posta em prática.